

RESENHA

[BOHN, Ildo Gass. *Satanás e os Demônios na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2013]

André Magalhães Coelho¹

Em seu livro *Satanás e os Demônios na Bíblia* Ildo Bohn Gass expressa que o problema do mal em diversas culturas e principalmente no cristianismo está vinculado a poderes demoníacos e a seres sobrenaturais e na Bíblia, livro sagrado dos cristãos, a presença maligna esta associada a satanás e aos demônios. Essas razões de olhar o mal no livro “sagrado” está plenamente escrito no Segundo Testamento como em (Mc 6, 7-13) e (Mt 10,17) devido às mensagens em que Jesus anuncia a boa nova e expulsa demônios, estes motivos que levam grupos de evangélicos a expulsar demônios e fazer sessões de descarrego, tudo isso gerando uma teologia do medo vinculado a satanás e os seus serviçais. Infelizmente em muitas igrejas pregam este tipo de discurso em vez de denunciar as injustiças sociais e o mercado de consumo que exclui milhões de pessoas gerando pobreza e diversos tipos de problemas de saúde e sofrimentos. Desta forma o medo é a própria negação da fé, tirando a espiritualidade de uma vida de esperança e colocando suas perspectivas em um evangelismo mágico e sobrenatural. A partir do Deus Cristão, isto é, em Jesus Cristo, não há mais motivo para ter medo desses poderes porque Ele próprio os levou na cruz do calvário.

Ildo G. Bohn comenta que a dualidade da vida mostra que a própria existência, como o cosmo, é dual, esta é a condição da natureza humana em nós à escuridão e trevas a ódio e bem, contudo o pontapé inicial para a nossa reflexão será dois caminhos fundamentais. Na lógica do mal, do egoísmo e do amor próprio, a maneira das comunidades cristãs do primeiro século retratava essas experiência nas tentações de Jesus (Lc 4,1-13) aqui está exposto o caminho da prosperidade, do amor próprio e da satisfação imediata da fome. De outra forma temos o caminho da partilha e da solidariedade com os mais vulneráveis (Lc 10,29). A alteridade é fazer-se próximo daquele que está próximo de nós, ver o outro como a si mesmo, diferente do escriba que comenta “quem é o meu próximo”. Desta forma Jesus

¹ Mestrando em Ciências da Religião (UMESP). magalhaescoelho@gmail.com

inverte e coloca o amor serviço em ação (BOHN, 2013, p. 9). A dualidade do bem e do mal está dentro de cada um de nós, são duas forças distintas, uma gera vida e outra gera destruição e morte, qual das duas é mais latente? Isso vai de pessoa a pessoa; deixar que uma dessas forças dirija a nossa mente e instituições sociais depende muito em que contexto de vida cada um de nós foi criado ou vive, depende também da nossa personalidade e da mística que alimentamos para a liberdade. Nisso, Nelson Mandela estava certo ao dizer que “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou a inda por sua religião, para odiar a pessoa é preciso aprender” (BOHN, 2013, p. 10). Sendo assim, se aprendemos a odiar também podemos aprender a amar, tanto o amor quanto o ódio fazem parte da dualidade da vida, o que alimentarmos melhor vai conduzir a nossa caminhada. Um dos textos bíblicos que mais expressa esta ambiguidade esta em Rm 17-25. Paulo comenta esta dualidade, esta luta interior e que também atua em nós (BOHN, 2013).

A partir desta situação da vida, vamos olhar agora para a nossa realidade até que ponto podemos dizer que somos de fato pessoas livres? Podemos dizer que temos domínio sobre os nossos desejos e que forças geram anseios dentro de nós? Quantas vezes pensamos em consumir desenfreadamente e odiar o nosso próximo? Nesse sentido, em linguagem simbólica, podemos atribuir a demônios que temos de enfrentar a cada dia. Neste caso não é necessário vários exorcismos em nós de modo que o espírito da paz do amor e da vida guie as nossas caminhadas? Podemos dizer quantas são as igrejas que pregam sobre a teologia da prosperidade e a causa da pobreza e doenças são motivo de não estarmos ofertando valores astronômicos ou porque não fomos fieis a determinada instituição ou porque deixamos o diabo entrar em nossas vidas ou a demônios que estão a serviço de satanás e que esses males tem que ser exorcizados, segundo esses discursos estas forças demoníacas tem sua origem mágica e sobrenatural e nos ausenta de nossas responsabilidades de seres humanos ambíguos que somos, assim como das ambiguidades da vida.

Em vez de desmascarar as ações injustas dos senhores do mundo que geram desempregos, violência e morte, essa teologia acaba beneficiando uma sociedade injusta. Embora este tipo de discurso esteja presente no antigo Israel (Ml 3, 8-11), naquele tempo havia um grupo de resistência contra esta teologia. Podemos ver isso em Jó 24,1-12 que dizia que a pobreza era fruto das ações injustas humanas e não de Deus. E Jesus insiste neste pensamento de não ceder às tentações, mas de continuar servindo e compartilhando sua vida com generosidade para os mais vulneráveis, segundo a teologia de Jesus, há mais liberdade quando todos têm acesso à vida digna. Diferente da liberdade proposta pelo mercado que

privilegiam minorias e exclui grande parte da população (BOHN, 2013). O antigo Israel atribuía tanto o mal quanto o bem a Deus, podemos ver esta teologia da retribuição em (Jó 2,10) tanto bênção como maldição vinham de Deus. Mais tarde a demonologia persa foi incorporada na fé judaica (BOHN, 2013). Acima olhamos como Israel interpretava a sua fé, a doutrina da retribuição determinava que tudo procedia de Javé. Desta forma, os que viviam conforme a lei eram abençoados e os que desobedeciam à vontade de Deus eram amaldiçoados (Dt 28,1-46).

Também no Israel antigo tinham uma compreensão que os demônios eram ligados ao deserto, lugares ermos em que Deus não estava presente e a terra não se tornava fecunda. Geralmente bodes ou animais com defeitos eram atribuídos como demônios, não é por caso que era atribuído ao bode os pecados do povo e levado para o deserto (Lv 16,10). Um outro animal que era incorporado a figura de diabo era a serpente; em todos os lugares do mundo a serpente tem vários significados, sendo um dos símbolos mais difundidos na mitologia. Tanto no México, como em Ananta, na Índia, a serpente é eterna (BOHN, 2013). Por trocar de pele muito rápido, a serpente está ligada à sabedoria, à cura e à fertilização e à energia recriadora. Na Bíblia, a víbora é associada a sataná e a primeira vez que a serpente foi chamada de diabo foi registrado no livro de sabedoria (Sb 2, 24). Na tradição de Israel, a identificação da serpente com sataná foi atribuída mais tarde na época dos romanos, sataná (Satan em hebraico) tem sua origem nas portas das aldeias: era uma espécie de promotor que acusava o réu quando era levado ao tribunal para ser julgado. Em Israel vimos que a compreensão dos judeus em relação ao mal e ao bem vinham de Javé. Em 2 Sm 24,1, Davi foi acusado por Deus por ter feito um censo de Israel. A mesma situação acontece em 1 Cr 21,1 e desta vez atribui a culpa a sataná, então vemos que era normal atribuir tanto o mal para Deus ou para seres sobrenaturais (BOHN, 2013).

Os povos persas foram os primeiros a elaborar uma demonologia (558-330 a.c) que adotaram da doutrina de Zoroastro, versão grega de Zaratustra, que era do Irã no século XII a.c. Seu discurso estava centrado na eterna guerra cósmica entre o bem e o mal (Ahura Mazda) de um lado, e, de outro, o mal (Angra Mayniu). Neste duelo o bem seria vitorioso e o mal condenado juntamente com Angra Mayniu (BOHN, 2013). Os persas acreditavam que o mal era vindo de forças externas como as desgraças, doenças, epidemias e demônios, da mesma forma como faziam os israelitas mais tarde (Mc 5,15; 9,17-24 Lc 4,38-39) (BOHN, 2013). Também as doenças, principalmente ataque epilético, na época de Jesus eram atribuídas a demônios.

Outra influência que o povo de Israel teve foi a do gnosticismo. A ideia de Platão (429-347 a.c) a respeito de demônios mostra como os gregos imaginavam que entre o mundo dos humanos e do Olimpo, o monte das divindades, havia demônios. Acreditavam que o mundo estava carregado de demônios que suas habitações eram o ar, acreditava-se que a matéria era má e que o corpo era uma espécie de prisão da alma para esta se libertar. O verdadeiro filósofo desejaria a morte. Essa maneira de pensar influenciaria a concepção judaica mais tarde (BOHN, 2013). Depreende-se que Jesus veio para nos dar o projeto de vida e liberdade diferentemente do projeto dos senhores do mundo, que privilegiam minorias e excluem maiorias de pessoas vivendo às margens da sociedade.